

Celebrar a arte viva do teatro

Passámos três meses a trabalhar ininterruptamente para organizar este Festival. Seguimos a evolução da situação pandémica com os olhos postos em todas as possibilidades, em todas as projecções, em todas as variáveis, em todas as nesgas de esperança de um regresso a alguma normalidade. Não quisémos desistir: nem da arte viva que é o teatro, nem deste Festival que a celebra.

Começamos hoje um Festival simultaneamente mais longo e mais curto. Mais longo na sua duração, mais curto na quantidade de espectáculos. Este ano o Festival realiza-se entre os dias 3 e 26 de Julho. Vamos, assim, começar um dia mais cedo e acabar vários dias depois, para que mais pessoas possam ver os espectáculos que, nalguns casos, terão mais do que uma sessão no mesmo dia.

Teremos como sempre os nossos colóquios ao final da tarde, este ano no *foyer* do Teatro Municipal Joaquim Benite. Lançamos o 6.º volume da colecção *O sentido dos Mestres*, com a presença do seu autor: Hajo Schüller, o director artístico da companhia alemã Familie Flöz e mestre em teatro de máscara que no ano passado levou a cabo o *workshop* de formação – um espaço de transmissão e de troca de saberes, que este ano prosseguimos com a coreógrafa Madalena Victorino. E homenageamos Rui Mendes, a quem dedicamos uma exposição concebida por José Manuel Castanheira.

Sobre tudo isso iremos dando notícias na Folha Informativa, que poderão ler impressa ou com os vossos *smartphones* via código QR.

Sejam muito bem-vindos ao 37.º Festival de Almada!

CARLOS AVILEZ, ENCENADOR DE *BRUSCAMENTE NO VERÃO PASSADO*

“Este Festival é um exemplo para todos nós.”

A 37.ª edição do Festival de Almada arranca hoje com a estreia absoluta de *Bruscamente no Verão passado*, pelo Teatro Experimental de Cacais, com encenação de Carlos Avilez. Trata-se de uma peça que o histórico encenador queria fazer há muito tempo. “Quis fazê-la ainda antes do 25 de Abril. Em 2011 fiz *O comboio da madrugada*, com a Eunice Muñoz, e esta peça estava ainda por fazer. A personalidade de Williams está muito presente nesta peça, é só uma questão de conseguir encontrá-la. É um texto muito especial, muito estranho, que constitui um desafio muito grande, tanto para o encenador como para os actores. Para mim, representa o grande universo de Tennessee Williams – os grandes tabus, as obsessões, os ambientes doentios criados por aquilo que a sociedade faz às pessoas, a influência dos que têm a responsabilidade de educar, a natureza boa e má de todas as pessoas, a loucura [espelhada cenograficamente no branco que domina a cena, num trabalho de Fernando Alvarez], a liberdade que não têm, a sua procura de ascensão a níveis superiores [representada em palco pela escada], as quedas, o seu mal-estar, uma certa alucinação, não há ninguém que seja “normal”, e quem parece normal no princípio deixa depois de parecê-lo.”



© Luana Santos

O processo de trabalho de *Bruscamente no Verão passado* ficou “marcado pelo amor, como sempre acontece”, acrescentou o encenador, mas “a pandemia aproximou-nos mais, porque apesar de não nos podermos tocar, tocamos mais, o que é extraordinário, e demonstra a que ponto o teatro é um gesto de amor, e de união. E os temas que aborda permanecem actualíssimos – neste tempo de pandemia, ainda mais. Nós estivémos três meses fechados em casa, e eu penso que muita coisa aconteceu, e que vamos sair desta experiência profundamente alterados.”

Sobre as tão peculiares circunstâncias desta edição do Fes-

tival, o encenador considera que o facto de “Almada ter conseguido realizar este Festival é um exemplo para todos nós. É preciso ver que é uma companhia de teatro que consegue organizar um festival desta dimensão e com este prestígio, e por isso também nós estarmos aqui hoje é uma alegria muito grande. O Festival de Almada marca a minha vida, eu participei na primeira edição há 37 anos, e no ano passado fui homenageado pelo Festival, e fui tratado maravilhosamente, foi lindo, jamais esquecerei todas as pessoas que fizeram isso por mim, o Rodrigo, a Teresa Gafeira, etc. E estou muito feliz com a ideia de saber que o Festival começa hoje com o meu espectáculo. É uma dupla honra!” S.A.

Kitbox Rui Mendes por José Manuel Castanheira

José Manuel Castanheira, arquitecto e cenógrafo com um caminho único na arte de cenografar (espectáculos, mas também exposições), é o autor da exposição de homenagem que o Festival de Almada deste ano dedica a Rui Mendes. “Tento sempre contornar a ideia mais convencional de expor a memória da obra e da vida de uma personalidade recorrendo a uma sequência cronológica de *memorabilia*, até porque esse tipo de coisas são normalmente publicadas, e por isso quem tenha curiosidade em conhecê-las tem facilidade em chegar a essa informação.” Um trabalho que é, assim, sobretudo documental, com valor museológico, feito em colaboração estreita

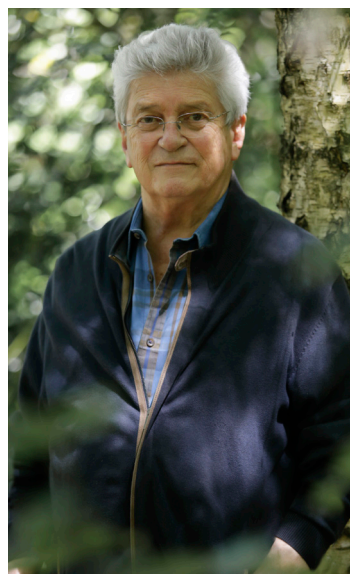
com o homenageado, e contendo por essa razão um carácter auto-representativo que constitui em si mesmo um tributo. “Não, não é um retrato meu do Rui. Entendo este trabalho como um exercício gráfico e cénico. Limitei-me a ilustrar e a arranjar uma maneira de expor escolhas que foram feitas por ele. Interessa-me muito o exercício de descobrir uma maneira de contar uma história – de uma pessoa, de um lugar, de um tempo, e aprendi a fazer isso essencialmente no teatro.”

“Quando comecei a trabalhar nesta exposição não sabíamos se o público poderia sequer deslocar-se aos teatros. E portanto coríamos o risco de ter de fazer uma

homenagem sem a presença de ninguém. Foi nesse momento que surgiu a ideia de fazer algo que cada um pudesse levar para casa, como um jogo, ou um brinquedo, podendo construir esse passado à medida e ao gosto de cada um. Porque a verdade é que contar a história de uma pessoa é algo que pode ser feito de muitas maneiras. E essa história contada será sempre fragmentada, e é a conjugação desses fragmentos que, para cada um, enforma a história – que neste caso tem três pilares: as pessoas, os lugares e os objectos.” Assim nasceu a *kitbox* Rui Mendes, uma caixa que contém três livros e um pequeno mapa, disponível desde hoje no foyer do TMJB. **S.A.**



© Luana Santos



© Rui Carlos Mateus

Colóquios no foyer do TMJB

“Não existirá Palco Grande, nem espectáculos ao ar livre, nem haverá “festa estival” – escreveu o nosso director artístico, Rodrigo Francisco. As regras de segurança sanitária privaram-nos dos espaços mais característicos do Festival de Almada: o Palco Grande e a Esplanada. Contudo, continuamos

a ter os colóquios habituais, cultos e acolhedores, este ano no foyer do Teatro Municipal Joaquim Benite. De segunda a sexta, sempre pelas 18h, estaremos à vossa espera para conversas informais com os encenadores dos espectáculos que marcam presença nesta 37.ª edição. Assim como o teatro, tam-

bém os colóquios têm um papel transformador fulcral para promover discussões intemporais à luz das peças em cena. Na primeira semana de colóquios (de 6 a 10 de Julho) conversaremos com Isabel Craveiro, Carlos Avilez, Raquel Castro, Nuno Cardoso e António Pires. Contamos convosco!

NO 2.º DIA INICIAM CARREIRA NO FESTIVAL TRÊS ESPECTÁCULOS:

O Mundo é redondo, de Gertrude Stein, com tradução de Luísa Costa Gomes e encenação de António Pires, pelo Teatro do Bairro, que se apresenta pela primeira vez às 18h00 (no Fórum Romeu Correia); **Turma de 95**, de e com Raquel Castro, com a primeira sessão marcada também para as 18h00 (no Teatro-Estúdio António Assunção); e **By Heart**, de e com Tiago Rodrigues, pelas 21h30 na Academia Almadense, em Almada Velha.

AGENDA DE AMANHÃ

TEATRO

15:00 e 19:00

A grande emissão do mundo português

Incrível Almadense

16:00

Mártir

Sala Experimental do TMJB

18:00

O Mundo é redondo

Fórum Romeu Correia

18:00 e 22:00

Turma de 95

Teatro-Estúdio António Assunção

21:00

Bruscamente no Verão passado

Sala Principal do TMJB

21:30

By Heart

Academia Almadense

RESTAURANTE NO TEATRO

HOJE

- Pataniscas de bacalhau com arroz de feijão
- Carne de porco marinada com puré de batata e lentilhas

AMANHÃ

- Pescada com maionese no forno
- Frango com amendoim

FICHA TÉCNICA

Direção Teresa Gafeira e Rodrigo Francisco | Textos Sarah Adamopoulos (edição) e Ana Sofia Pancada (estágio em comunicação editorial da cultura) | Fotografia Luana Santos e Rui Carlos Mateus | Paginação Joana Azevedo e Rosa Castelo | Apoio à produção editorial Ana Patrícia Santos | 2020 © Edições de Comunicação do Festival de Almada

